



PROJEÇÕES GEOPOLÍTICAS DA CRISE ECONÔMICA DE 2008

Herbert Schutzer

Mestre em Geografia

Docente Universidade Estácio/UniRadial

Herbert.schutzer@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho procura especular as possibilidades geopolíticas dos países classificados como potências médias de ocuparem posições relevantes na ordem mundial decorrente da crise econômica que começou em 2008 e afetou os países desenvolvidos, principalmente os da Europa, comparando os aspectos macroeconômicos a partir do pressuposto de que o sistema capitalista coloca no centro das decisões aqueles com maior poder econômico. E assim, tentar-se-á identificar transformações possíveis no panorama geopolítico mundial através da inserção dos novos atores nacionais.

PALAVRAS-CHAVES; geopolítica, crise econômica, BRICS, sistema internacional.

ABSTRACT

This paper tries to speculate about the possibilities of geopolitical countries classified as middle powers to occupy prominent positions in the world order arising from the economic crisis that began in 2008 and affected the developed countries, especially those in Europe, comparing the macroeconomic aspects from the assumption that the capitalist system into the center of those decisions with greater economic power. And so, trying to find possible transformations in the global geopolitical landscape through the addition of new national actors.

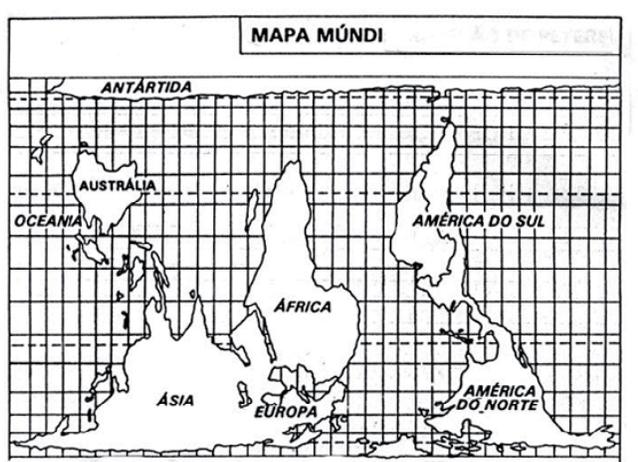
KEYWORDS, geopolitical, economic crisis, BRICS, the international system.



INTRODUÇÃO

A crise sistêmica do capitalismo de 2008 pode ter alterado a geopolítica mundial dominante até então em decorrência do estágio de desenvolvimento alcançado pelo modo de produção. Este já se afastou no tempo e no espaço da matriz capitalista do século XVIII e não pode mais ser explicado pela economia política a partir das premissas tradicionais. O mapa de Peters¹ a seguir pode ter antecipado a transição do poder econômico mundial e ser tornar o novo modelo de representação do planeta num futuro próximo.

Mapa 1



Projeção invertida de Peters, Fonte: <http://educacao.uol.com.br/geografia/projecoes-cartograficas>. 2012

ociosa de suas economias, as estratégias político-econômicas aplicadas no combate à crise deram a eles uma nova posição no panorama geopolítico do mundo atual.

O ESPELHO DO MEDO ECONÔMICO – UM RECORTE

Para melhor compreendermos o estágio atual da economia mundial, mais precisamente o do grupo de países desenvolvidos e os em desenvolvimento, nesse período pós crise², em que os seus efeitos ainda são sentidos pela economia mundial, observamos o histórico do PIB (Produto Interno Bruto) na tabela 1 a seguir.

Pode-se perceber que após alguns anos do centro da crise, os países ricos tiveram uma retração de suas economias e ainda não atingiram o mesmo nível da produção de 2008, com exceção do Japão. As dificuldades são enormes principalmente para os países europeus em função dos problemas da zona do euro e da Inglaterra que não conseguiram recuperar os níveis anteriores à crise. Enquanto os países intermediários, estes continuaram o crescimento de suas economias, com taxas médias e altas, principalmente a China. Também a Rússia apresentou elevada recuperação do PIB. No entanto, a crise parece ter sido mais midiática do que uma grave ameaça ao sistema capitalista, pois a recuperação paulatinamente recompôs o quadro anterior à crise. Contudo essa recuperação colocou em cheque o neoliberalismo

[1] Peters combateu a imagem de superioridade dos países do Norte representada nos planisférios derivados da projeção de Mercator. Seu pressuposto de que todos os países deveriam ser retratados no mapa-múndi de forma fiel a sua área, dá destaque os países subdesenvolvidos.

[2] A crise econômica começou nos Estados Unidos decorrente do combate ao terrorismo que exigiu fortes gastos militares. Para piorar a situação, ao mesmo tempo em que o país investia dinheiro na guerra, a economia interna já não ia muito bem - uma das razões é que os Estados Unidos estavam importando mais do que exportando. Em vez de conter os gastos, os americanos receberam ajuda de países como China e Inglaterra. Com o dinheiro injetado pelo exterior, os bancos passaram a oferecer mais crédito, inclusive a clientes considerados de risco. Aproveitando-se da grande oferta a baixas taxas de juros, os consumidores compraram muito, principalmente imóveis, que começaram a valorizar. “A expansão do crédito financiou a bolha imobiliária, já que a grande procura elevou o preço dos imóveis”, diz Silber. Porém, depois disso, chegou uma hora em que a taxa de juros começou a subir, diminuindo a procura pelos imóveis e derrubando os preços. Com isso, começou a inadimplência - afinal, as pessoas já não viam sentido em continuar pagando hipotecas exorbitantes quando as propriedades estavam valendo cada vez menos. Nesse momento, faltou dinheiro aos bancos, que em um primeiro momento foram ajudados pelo governo americano. Só que, ao mesmo tempo, surgiram críticas a essa política de socorro aos banqueiros. Frente à pressão política, a Casa Branca decidiu que não ia mais interferir, deixando o banco Lehman Brothers quebrar. O fechamento do quarto maior banco de crédito dos Estados Unidos causou pânico e travou o crédito. (Revista Escola, maio de 2009)



em função das soluções keynesianas aplicadas na sua superação.

Os BRICS não aderiram integralmente ao credo neoliberal e mantiveram o Estado atuante na economia com resultados positivos frente a crise, como se pode ver no gráfico comparativo dos BRICS e as principais economias europeias.

Na tabela 2, percebe-se uma diminuição no valor do PIB pós 2008 com lenta recuperação dos países desenvolvidos e, observa-se um significativo crescimento dos países em desenvolvimento em relação a eles. Os países da Europa são os que mais se fragilizaram com a crise, situação

visível na tendente estagnação do seu PIB, com baixa taxa de crescimento.

É possível observar também que os Estados Unidos ainda se encontram num patamar econômico além dos efeitos mais nefastos e que os problemas ocasionados pela crise econômica de 2008 não alteraram suas posições na geopolítica mundial. Embora conjuntamente os países em desenvolvimento, vistos em bloco, tenham superado o PIB dos Estados Unidos em 2011 e apresentando um crescimento a taxa de 31,08%.

Tabela 1

Country	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Brazil	1.089.157	1.366.220	1.650.392	1.622.311	2.142.926	2.492.908
China	2.712.917	3.494.235	4.519.951	4.990.526	5.930.393	7.298.147
France	2.259.577	2.586.773	2.842.552	2.631.919	2.562.759	2.776.324
Germany	2.905.445	3.328.589	3.640.727	3.307.197	3.286.451	3.577.031
Japan	4.356.750	4.356.347	4.849.185	5.035.141	5.488.424	5.869.471
Mexico	951.794	1.035.317	1.094.033	881.838	1.035.400	1.154.784
Russia	989.932	1.299.703	1.660.846	1.222.693	1.487.293	1.850.401
India	908.465	1.152.813	1.251.367	1.253.979	1.597.945	1,676.143
South Africa	261.175	285.805	274.186	284.236	363.475	408.074
United Kingdom	2.448.113	2.813.953	2.657.311	2.180.654	2.263.099	2.417.570
United States	13.377.200	14.028.675	14.291.550	13.938.925	14.526.550	15.094.025

Produto Interno Bruto (em milhões de dólares), Fonte: <http://www.imf.org> 2012.

Tabela 2

Grupo de Países	2008	2009	2011
PIB dos seis países em desenvolvimento	10.450.775	10.255.583	14.880.457
PIB dos cinco países mais desenvolvidos	28.281.173	27.093.836	29.734.421
PIB dos cinco países mais desenvolvidos menos EUA	13.989.623	13.154.911	14.649.396

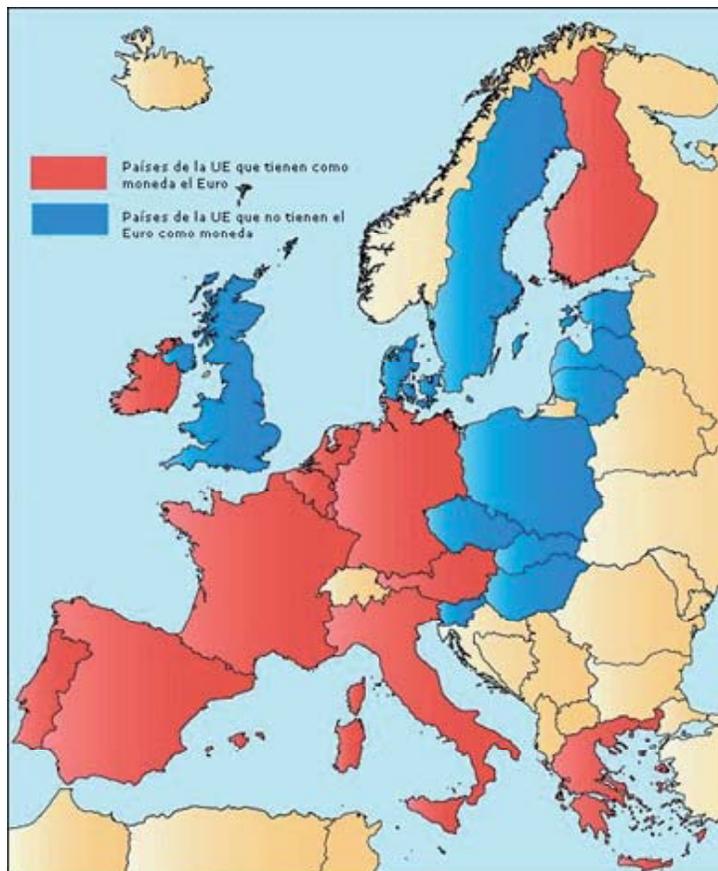
PIB por Agrupamento de Países (em trilhões de dólares), Fonte: Adaptado, FMI 2012.



Sem a somatória do PIB dos Estados Unidos e do Japão podemos perceber que os três principais países mais desenvolvidos da Europa sofreram uma queda de 11,1% em relação a 2008 e em 2011 ainda continuavam abaixo dos indicadores de 2008, no início da crise, em 4,04%. Logo, esses países estão enfrentando diversos problemas na procura de solução que permita o retorno aos níveis anteriores à crise sem contar a inflação, principalmente na Zona do Euro.

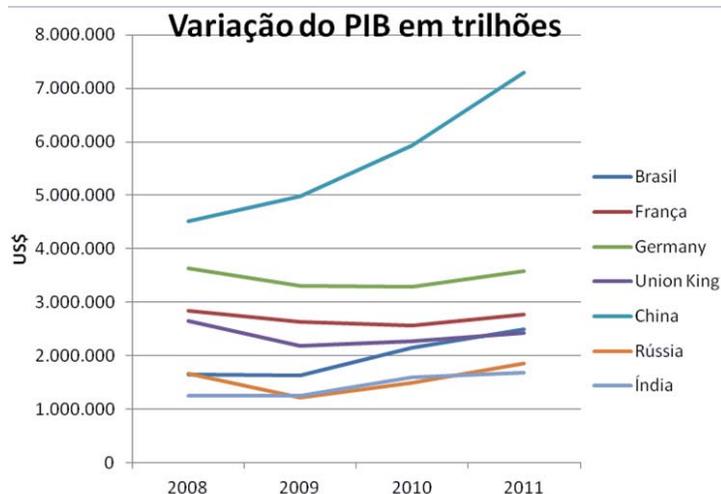
Os desdobramentos europeus da crise podem ser creditados a problemas endógenos ligados à União Europeia (UE) e a Zona do Euro (ZE). Os indicadores mostram que não houve recuperação do quadro anterior à crise, como apresenta

Mapa 1



União Europeia e Área do Euro, Fonte: <http://puxapalavra.blogspot.com.br/2012/06/monti-2-merkel-1.html>. 2012.

Grafico 1



PIB dos principais países desde o início da crise econômica, Fonte: FMI. 2012

a tabela 3. As duas uniões da Europa estão sofrendo com a retração econômica e encontram sérias dificuldades em função de alguns países encontrarem-se em grave situação financeira, como é o caso de Portugal, Irlanda, Grécia e Espanha (PIGS). Suas economias foram exposta a agudos problemas na balança de pagamentos decorrentes de enormes déficits em seus orçamentos. Contudo, a EU está menos ameaçada que a ZE devido à política da integração, menos abrangente que no outro acordo.

A ZE e UE até 2011 ainda encontravam dificuldades para retomar o patamar econômico anterior à crise. A ZE ainda está -0,03% aquém do nível de 2008 e a UE -0,04%. Inúmeras variáveis contribuíram para que isso tenha ocorrido, entre elas: a moeda única, que foi e é um obstáculo para os países com dificuldades, pois eles não têm controle financeiro e perdem competitividade em consequência da valorização do euro. Como não podem desvalorizar a moeda, ficam reféns da estagnação e recessão econômica entrando em um processo de colapso. E as previsões são desalentadoras, segundo a agência Reuters, em 29/4/2011:

“O primeiro-ministro britânico, David Cameron, disse que a crise de dívida



Tabela 3

Group Name	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Euro area	10.754.503	12.377.114	13.604.971	12.437.820	12.155.543	13.115.131
European Union	14.689.536	16.994.148	18.341.543	16.360.161	16.258.996	15.821.264

PIB do Mercado Comum Europeu e Zona do Euro, Fonte: .imf.org, 2012

da zona do euro ainda não chegou nem à metade de sua duração e expressou dúvida a respeito do futuro do euro como moeda única em entrevista neste domingo. Cameron disse que a crise da zona do euro pode ser, em parte, responsabilizada pela recessão do Reino Unido, e insistiu que retomar o fôlego da economia britânica é a questão de maior importância para o governo, num momento em que a popularidade de seu partido, o Partido Conservador, caiu a seu menor nível desde 2004.”

A crise da ZE tem colocado em cheque a adoção da moeda única devido às dificuldades que os países periféricos da zona enfrentam para adotar medidas de austeridade econômica que ajustem seus orçamentos de acordo com os países que lideram o grupo, Alemanha e França.

Outrossim, a globalização está trazendo novos atores para o cenário econômico e geopolítico mundial e eles reivindicam a participação no âmbito das decisões políticas e econômicas no nível mundial. A crise está sendo uma janela de oportunidades para que os países em desenvolvimento cresçam nos planos econômico e político e passem a ameaçar a condição de liderança dos países mais desenvolvidos, hipótese defendida por analistas generalistas.

A geopolítica mundial tem novos países e as relações internacionais incorporam os novos atores sem alterar as estruturas dos organismos internacionais por enquanto, apesar de suas

reivindicações constantes nos fóruns globais. Reivindicando através do princípio do realismo das relações internacionais melhores posições no panorama mundial. Com isso, pretendem sustentar seus pleitos de mudanças como o aumento do número de participantes nas discussões sobre a economia global.

Entre os países considerados potências médias_ o grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS³) _, estes são os que maiores dinâmicas econômicas apresentam, devido às estratégias que empregaram para enfrentar e superar a crise sistêmica de 2008. Mesmo com indicadores que não são tão pujantes como os dos países desenvolvidos, eles pretendem reverter em ganhos geopolíticos regionais e mundiais a rápida recuperação de suas economias pós-crise. Cada um procura produzir os ganhos geopolíticos a partir de suas forças internas, aplicando seus potenciais de hard ou soft power, disponibilizadas por seus territórios e sociedades. Por enquanto, os BRICS formam um grupo de intenções e, como não existe um acordo de constituição de uma agenda comum, cada país busca sua projeção individualmente. No conjunto, os BRICS apresenta perspectivas positivas segundo o Ministério das Relações Exteriores do Brasil (2011), veja o gráfico

[3] A idéia dos BRICS foi formulada pelo economista-chefe da Goldman Sachs, Jim O’Neil, em estudo de 2001, intitulado “Building Better Global Economic BRICS”. Fixou-se como categoria da análise nos meios econômico-financeiros, empresariais, acadêmicos e de comunicação. Em 2006, o conceito deu origem a um agrupamento, propriamente dito, incorporado à política externa de Brasil, Rússia, Índia e China. Em 2011, por ocasião da III Cúpula, a África do Sul passou a fazer parte do agrupamento, que adotou a sigla BRICS. (MRE, 2012)

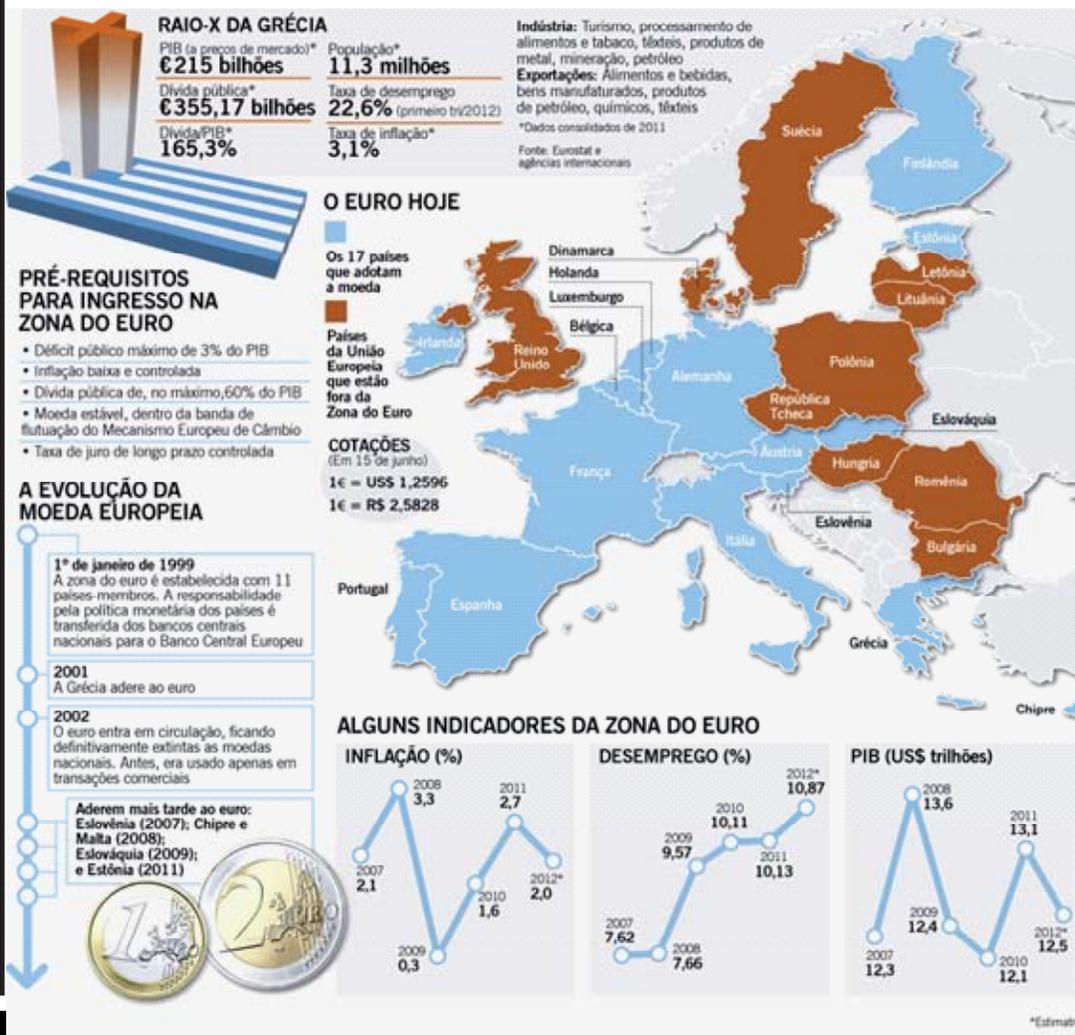


2.

O peso econômico dos BRICS é expressivo no início deste século. Entre 2003 e 2007, o crescimento dos quatro países representou 65% da expansão do PIB mundial. Em comparação com os Estados Unidos o PIB dos BRICS já os superam hoje, como também o da União Européia. Para dar uma ideia do ritmo de crescimento desses países, em 2003, os BRICS respondiam por 9% do PIB mundial, e, em 2009, esse valor aumentou para 14%. Em 2010, o PIB conjunto dos cinco países (incluindo a África do Sul), totalizou US\$ 11 trilhões, ou 18% da economia mundial. Considerando o PIB pela paridade de poder de compra, esse índice é ainda maior: US\$ 19 trilhões, ou 25%.

O crescimento do PIB do BRICS, foi em média quatro vezes maior, vem sendo muito forte e a tendência que o PIB bruto do BRICS supere o dos Estados Unidos e da UE nos próximos anos com um crescimento do PIB a uma taxa média de 7.6% ao ano, devendo superá-lo em 2014, segundo estimativa do FMI Date/2012. O que consolida as pretensões políticas do BRICS no cenário internacional caso o cenário venha a se manter nos próximos anos, pressionando ainda mais o reordenamento geopolítico mundial. É preciso destacar também, que a UE tem o PIB contido na sua queda pela Alemanha que alcançou US\$ 3.577.031 com taxa de crescimento 3,0% de 2010 para 2011. Portanto, há um forte desequilíbrio entre o PIB dos países da EU, que vem provocando sérios problemas para a união, inclusive com propostas de revisão dos parceiros e objetivos. Dessa forma, a taxa de crescimento vista no

Gráfico 2



Projeções econômicas do BRICS e G7, <http://oglobo.globo.com/infograficos/numeros-cri-se-grecia/>. 2012



Tabela 4

PIB	2009	Variação %	2010	Variação %	2011
BRICS	9.089.509	18,54	11.158.557	16,21	13.317.599
Estados Unidos	13.938.925	4,0	14.526.550	3,9	15.094.025
União Europeia	16.360.161	- 0,61	16.258.996	-2,76	15.821.264

Variação do PIB do BRICS, UE e dos Estados Unidos, Fonte: <http://www.imf.org>. 2012.

gráfico 3 mostra, pela relação com os demais países, uma possível perda de espaço geopolítico do grupo. Contudo, deve-se observar que devido à dinâmica da política do grupo, o quadro pode de reverter, todavia, as projeções são sombrias para o grupo no cenário local e internacional.

Quanto ao BRICS, o decréscimo da taxa de crescimento mostra a instabilidade e as dificuldades que enfrentam os membros dessa possível associação de países para manterem taxas positivas de crescimento. Levando-se em consideração que não existe nenhuma proposta que encaminhe para um acordo entre as nações que possa consolidar ações rumo à manutenção do crescimento dos países. Sendo assim, eles continuam atuando com políticas particulares no cenário nacional e internacional, mantendo obstáculos no curto prazo para a ascensão geopolítica no sistema mundo.

No plano individual, os países do BRICS

apresentam particularidades, além das políticas externas próprias que dificultam um acordo mais eficaz frente às reivindicações geopolíticas. Isso pode vir a favorecer a manutenção da ordem internacional atual, com a Europa, apesar da grave crise, mantendo a sua posição geopolítica no sistema internacional, à médio prazo.

A FACE POLÍTICA DA CRISE

O projeto norte-americano de unipolarização do sistema internacional sob a ditadura do capital incluía a submissão de seus parceiros mais fiéis, Europa e Japão, através da OTAN, que embora tenha perdido a sua razão original de ser, a URSS, continua como instrumento de dominação dos aliados e ameaça ao restante do mundo. Contudo, a crise parece solapar as bases dessa “parceria” transformando-se num movimento de cada um por si, pois a

Gráfico 3



Taxa de variação do PIB, Fonte: FMI Date, 2012.



Europa já não consegue manter sua pujança da segunda Belle Époque do final do século XX e está sob ameaça de alteração da ordem econômica da sua união.

Os Estados Unidos não encontram a saída para suas questões econômicas e não conseguem anular o movimento político das potências médias no cenário internacional. Isso não quer dizer que a tendência da polarização está ameaçada, o capital global, seguindo a lógica do sistema, vai manter esse ordenamento natural, apenas pode ocorrer mudança de atores nacionais.

Na atualidade, os países que despolitizaram o capital com medidas neoliberalizantes e que condenavam aqueles que procuravam reivindicar a participação política do Estado na globalização, taxados de irresponsáveis pelos realistas, estão agora retrocedendo de sua posição thatcheriana e adotando medidas para politizar o capital. Reconhecem que não é possível manter a hegemonia sem a participação do poder político do Estado, sob outras facetas que não a democrática apenas, mas através do fascismo dotado de uma lógica coerente e capaz de atrair as massas que sofrem os efeitos da crise. É fato que essa perspectiva aparece dentro de um novo contexto geopolítico, o qual reconhece a força da superpotência, mas a desafia na luta por espaços de influência e participação nos organismos internacionais e fóruns.

A crise econômica provocou uma crise política que abalou os governos dos principais países da Europa. Assiste-se a um processo em que os governos são inviabilizados ou trocados nos processos

eleitorais. Isso demonstra o descontentamento das populações com as medidas, ou ausência delas, para superar a crise. No atual contexto, há um “Efeito Marx”⁴— classe trabalhadora não acumula trabalho, conseqüentemente, nas crises, é a primeira a sofrer as perdas dos meios de subsistência, com a diminuição dos salários e o desemprego, e isso, na atualidade, desemboca numa nova crise que vai exigir um ação dura do Estado. No plano político, primeiramente age-se com mudanças ideológicas nos governos, e socialmente, com a mobilização das massas e/ou categorias sociais. O risco da volta das lutas de classes, decorrentes das contradições do sistema econômico vigente, se agrava.

Os pactos de austeridade econômica são rechaçados pelas populações dos países em crise econômica, como se observa na Europa. As manifestações contra as medidas de austeridade têm feio de muitos partidos políticos vítimas da desaprovação popular e seus governos ameaçados de perder o poder, como na Irlanda e na Espanha, e aqueles que já trocaram seus governos, como a França, a Itália, a Holanda e a Grécia, por exemplo. As populações revivem o nacionalismo em suas economias; os eleitores resistem às rígidas políticas pregadas sobre metas e prazos para redução da dívida, para satisfazer os mercados e as agências de classificação que não têm meios de incentivar o crescimento. O economista Paul Krugman⁵, ganhador do prêmio Nobel, denunciou as fracassadas “políticas econômicas zumbi” dos “austerianos” da Europa e dos Estados Unidos.

Segundo a BBC, pesquisas indicam que os partidos de correntes que seriam a favor de cortes orçamentários somam 36% da preferência dos eleitores neste momento. Já comunistas, trotskistas e o partido verde – que são contra qualquer proposta de austeridade – somam 37%. A esfera política contribui para o enfraquecimento das nações mais desenvolvidas. Os governos

[4] Marx foi o primeiro a identificar que o trabalhador sempre pagaria o preço das crises cíclicas do capitalismo. O sistema por ser altamente competitivo busca sempre maximizar os ganhos e nos momentos de crise a competição exige redução dos custos e o trabalhador é sempre o primeiro sacrificado, enquanto o capitalista consegue garantir sua estabilidade através do acumulo de trabalho.

[5] Nota publicada no New York Times e reproduzida pela Revista Carta Capital de 07/5/2012.



ameaçados buscam medidas desesperadas para aplacar a crise e manterem-se no poder. Os Estados Unidos vivem um ano eleitoral e o governo Barack Obama se encontra ameaçado na sua continuidade. As preocupações internas fazem com que o sistema internacional se torne flexível e outros atores se manifestem ou pleiteiem uma maior inserção no mercado.

Diante do contexto dos países desenvolvidos, o BRICS possui maior estabilidade política devido ao momento de crescimento econômico que apresenta, sendo que historicamente suas populações são menos organizadas, além de acostumadas a um grau de carência que não lhes impede de pressionar os governos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ordem internacional uni-multipolar deste início de século não vai ser alterada pela crise econômica deflagrada em 2008, no entanto, a geopolítica do mundo não será mais a mesma do período anterior. Novos atores participarão do centro do sistema internacional unilateralmente ou em coalizões de agendas comuns, redesenhando o mapa das áreas de influências anteriormente traçado pela supremacia do neoliberalismo globalizante. Os diferentes contextos nacionais definirão os níveis de inserção e importância desses atores, que se juntarão à “tríade” que dominava o sistema. Essa nova geopolítica recupera a centralidade do Estado como produtor de política econômica e social, enterrando momentaneamente o modelo liberal do fim do século XX.

Os acordos entre os países estão mais regulares, mas as definições ainda parecem incertas. A dinâmica política coloca a todo momento novas propostas de superação da crise econômica e tudo pode mudar de uma hora para outra. A previsibilidade em geopolítica é insegura diante do panorama de incertezas, mas o G-7, o G-8, o G-20, ou o que determinar o sistema internacional trará uma nova geopolítica mundial.

De outro lado, o nacionalismo e a xenofobia avançaram com a crise nas sociedades mais

afetadas, sendo um fator preocupante para a globalização e para as movimentações populacionais que devem reduzir em escala. A nova geopolítica mundial tem, nessa dimensão, uma preocupação a mais no sentido de minimizá-la e evitar os embates ocorridos pós-segunda Revolução Industrial que desembocou em conflito mundial. A história não é cíclica como o sistema capitalista e os atores internacionais somatizam maiores responsabilidades diante do que se constrói para o futuro.

Por fim, percebe-se a existência de uma instabilidade geopolítica global que deve perdurar por mais tempo e dependendo dos acontecimentos, esse panorama não deve se alterar devido à diminuição do ciclo das crises sistêmicas que desestabilizam a ordem duas vezes a cada década.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

ARBIX, Glauco; ZILBOVICIUS, Mauro & ABRAMOVAY, Ricardo (orgs). Razões e Ficções do Desenvolvimento. Campinas. Editora Unesp/Edusp. 2001.

BBC Brasil. Mudanças políticas podem colocar em xeque austeridade na Europa. 24/4/2012. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/celular/noticias/2012/04/12_0424_europa_austeridade_dg.shtml. Acessado em: 27/4/2012

BORON, Atílio (org). Nova Hegemonia Mundial. Alternativas de mudanças e movimento sociais. São Paulo. Editora Clacso Brasil. 2005.

BRASIL, Ministério das Relações Exteriores. BRICS - Agrupamento Brasil-Rússia-Índia-China-África do Sul. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/temas/mecanismos-inter-regionais/agrupamento-brics>. Acessado em: 30/4/2012.



FIORI, José Luís. O Poder Global. São Paulo. Boitempo Editorial. 2007.

HURRELL, Andrew; LIMA, Maria Regina de; HIRST, Monica; MACFARLENE, Neil; NARLIKAR, Amrita & FOOT, Rosemary (orgs). Os BRICS e a Ordem Global. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2009.

MARX. Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos. São Paulo Editora Martin Claret. 2004.

PENAFORTE, Charles (org). Panorama Contemporâneo – Geopolítica e Relações Internacionais. Rio de Janeiro. Cenegri Edições. 2008.

REUTERS, Ag. Cameron diz que crise da zona do euro está longe do fim. Disponível em: <http://uk.reuters.com/article/2012/04/30/uk-britain-cameron-eurozone-idUKLNE83T00520A120430>. Acessado em: 29/04/2012.